



Para mais informações, acesse - <http://www.uniomystikaum.org> | CPV

Contato - [mystikaunio@riseup.net](mailto:mystikaunio@riseup.net)

Outros - [VÍDEOS UNIO MYSTIKA](#) | [MÚSICAS](#) | [MAIS LIVROS](#)

## MORALIDADE E REVOLUÇÃO

*Por Ted 'Unabomber' Kaczynski*

"A moralidade, a culpa e o medo da condenação agem como policiais em nossas cabeças, destruindo a nossa espontaneidade, nossa selvageria, a nossa capacidade de viver as nossas vidas ao máximo... . Eu tento agir sobre meus caprichos, meu espontâneo pede sem se importar com o que os outros pensam de mim .... Eu não quero nenhuma limitação na minha vida, eu quero a abertura de todas as possibilidades... Isto significa... destruir toda a moralidade " - **Feral Faun** "Os policiais em nossas cabeças: algumas reflexões sobre anarquia e moralidade".

É verdade que o conceito de moralidade como convencionalmente compreendido é uma das ferramentas mais importantes que o sistema usa para controlar-nos, e nós devemos nos libertar dela.

Mas vamos supor que você está em um dia de mau humor. Você vê uma inofensiva, mas feia e velha senhora, a aparência dela irrita você, e as suas "necessidades espontâneas" o impulsiona para derrubá-la e chutá-la. Ou suponha que você tenha uma "coisa" por meninas, e as suas "necessidades espontâneas" levem-no a escolher uma fofa de quatro anos de idade, arrancar suas roupas e estuprá-la enquanto ela grita em terror.

Eu estaria disposto a apostar que não há um anarquista lendo isso que não estaria revoltado com tais ações, ou que não iria tentar impedi-las se ele as visse sendo realizadas. Este é apenas uma consequência do condicionamento moral que a nossa sociedade nos impõe?

Defendo que não é. Proponho que há uma espécie de "moralidade" natural (note as aspas), ou uma concepção de justiça, que funciona como um fio condutor comum através de todas as culturas e que tende a aparecer nelas de alguma forma ou de outra, embora possa muitas vezes ser submerso ou modificado por forças específicas para uma determinada cultura. Talvez essa concepção de justiça seja biologicamente predisposta. De qualquer forma, ela pode ser resumida nos seguintes Seis

**Princípios:**

1. Não prejudique ninguém que não tenha previamente prejudicado você, ou ameaçou fazê-lo.
2. (Princípio de auto-defesa e retaliação) Você pode prejudicar os outros, a fim de evitar danos com que ameacem você, ou em retaliação por danos que já infligiram em você.
3. Uma mão lava a outra: Se alguém fez um favor a você, você deve estar disposto a fazer a ele ou ela um favor comparável, se e quando ele ou ela devesse precisar de um.
4. O forte deve ter consideração pelos fracos.
5. Não minta.
6. Cumprir fielmente por quaisquer promessas ou acordos que você faz.

Para dar alguns exemplos das maneiras em que os seis princípios muitas vezes são submersos por forças culturais, entre os Navajo, tradicionalmente, foi considerado "moralmente aceitável usar o engano ao negociar com alguém que não era membro da tribo (WA. Haviland, *Cultural Anthropology*, 9th ed., p. 207), embora isso contrarie os princípios 1, 5 e 6. E em nossa sociedade muitas pessoas irão rejeitar o princípio da retaliação: por causa da necessidade imperativa da sociedade industrial pela ordem social e por causa do potencial perturbador de ação de retaliação pessoal, somos treinados para reprimir nossos impulsos de retaliação e deixar qualquer retaliação grave (chamado de "justiça ") para o sistema legal.

Apesar desses exemplos, eu afirmo que os Seis Princípios tendem a universalidade. Mas se aceita-se que os Seis Princípios são para qualquer medida universal ou não, eu me sinto seguro em assumir que quase todos os leitores deste artigo irão concordar com os princípios (com a possível exceção do princípio da retaliação) de uma forma ou de outra. Daí os seis princípios podem servir como uma base para a presente discussão.

Defendo que os Seis Princípios não devem ser considerados como um código moral, por várias razões.

**Primeiro.** Os princípios são vagos e podem ser interpretados de maneiras tão amplamente que não haverá acordo consistente quanto à sua aplicação em casos concretos. Por exemplo, se Smith insiste em tocar o rádio tão alto que impede Jones de dormir, e se Jones quebra o rádio de Smith, a ação não danosa de Jones foi imposta a Smith, ou é legítima defesa contra danos que Smith está infligindo em Jones? Sobre esta questão, Smith e Jones provavelmente não concordarão! (Ao mesmo tempo, há limites para a interpretação dos seis princípios. Imagino que seria difícil encontrar alguém em qualquer cultura que iria interpretar os princípios de tal maneira a justificar o abuso físico brutal de inocentes velhinhas ou o estupro de meninas de quatro anos de idade.)

**Segundo.** A maioria das pessoas vai concordar que às vezes é "moralmente" justificável fazer exceções para os seis princípios. Se o seu amigo tem destruído equipamentos de registro pertencentes a uma grande empresa madeireira, e se a polícia chegar e lhe perguntar quem fez isso, qualquer anarquista verde vai concordar que é justificável mentir e dizer: "Eu não sei".

**Terceiro.** Os seis princípios não têm sido geralmente tratados como se possuíssem a força e a rigidez das verdadeiras leis morais. As pessoas muitas vezes violam os seis princípios, mesmo quando não há justificativa "moral" para fazê-lo. Além disso, como já foi referido, os códigos morais das sociedades particulares frequentemente entram em conflito com e substituem os seis princípios. Ao contrário das leis, os princípios são apenas uma espécie de guia, uma expressão de nossos impulsos mais generosos que nos lembram a não fazer certas coisas que podemos mais tarde olhar para trás com desgosto.

**Quarto.** Eu sugiro que o termo "moral" deve ser usado apenas para designar códigos socialmente impostos de comportamento que são específicos de certas sociedades, culturas ou subculturas. Uma vez que os seis princípios, de alguma forma ou de outra, tendem a ser universais e podem muito bem ser biologicamente predispostos, não devem ser descritos como moralidade.

Supondo-se que a maioria dos anarquistas aceitará os seis princípios, o que o anarquista (ou, pelo menos, o anarquista do tipo individualista) faz é reclamar o direito de interpretar os princípios por si mesmo em qualquer situação concreta em que ele está envolvido e decidir por si mesmo quando fazer exceções aos princípios, ao invés de deixar qualquer autoridade tomar tais decisões por ele.

No entanto, quando as pessoas interpretam os seis princípios para si, os conflitos surgem porque diferentes indivíduos interpretam os princípios de forma diferente. Por esta razão, entre outras, praticamente todas as sociedades desenvolveram regras que restringem o comportamento de formas mais precisas do que os Seis Princípios fazem. Em outras palavras, sempre que um número de pessoas que estão juntas por um período prolongado de tempo, é quase inevitável que algum grau de moral irá desenvolver. Apenas o eremita é totalmente livre. Esta não é uma tentativa de desbancar a ideia de anarquia. Mesmo que não há tal coisa como uma sociedade perfeitamente livre da moralidade, ainda existe uma grande diferença entre uma sociedade em que o ônus da moralidade é leve e aquele em que ele é pesado. Os pigmeus da floresta tropical africana, como descrito por Colin Turnbull em seu livro *The Forest People and Wayward Servants: The Two Worlds of the African Pygmies*, fornecem um exemplo de uma sociedade que não está longe do ideal anarquista. Suas regras são poucas e flexíveis e permitem uma medida muito generosa de liberdade pessoal. (No entanto, mesmo que eles não tenham policiais, tribunais e prisões, Turnbull não menciona nenhum caso de homicídio entre eles.)

Em contraste, nas sociedades tecnologicamente avançadas o mecanismo social é complexo e rígido, e só pode funcionar quando o comportamento humano está estreitamente regulado. Consequentemente, tais sociedades necessitam de um sistema muito mais restritivo da lei e da moralidade. (Para os presentes fins não precisamos fazer a distinção entre direito e moral. Nós simplesmente consideramos a lei como um tipo particular de moralidade, o que é razoável, uma vez que em nossa sociedade é amplamente considerado como imoral quebrar a lei.) Pessoas antiquadas reclamam da frouxidão moral na sociedade moderna, e é verdade que em alguns aspectos a nossa sociedade é relativamente livre de moralidade. Mas eu diria que o relaxamento da nossa sociedade da moralidade no sexo, arte, literatura, vestuário, religião, etc, é em grande parte uma reação ao aperto severo de controle sobre o comportamento humano no domínio prático. Arte, literatura e afins fornecem uma saída inofensiva para os impulsos rebeldes que seriam perigosos para o sistema, se tomassem um rumo mais prático, e satisfações hedonistas como excesso de sexo ou comida, ou formas de entretenimento intensamente estimulantes, ajudam as pessoas a esquecerem da perda de sua liberdade.

De qualquer forma, é claro que em qualquer sociedade alguma moralidade atende funções práticas. Uma dessas funções é a de prevenir conflitos ou tornar possível resolvê-los, sem recorrer à violência. (De acordo com o livro de Elizabeth Marshall Thomas *The Harmless People*, Vintage Books, Random House, New York, 1989, páginas 10, 82, 83, os bosquímanos da África Meridional possuem como propriedade privada o direito de recolher alimentos em áreas especificadas do estepe, e respeitam esses direitos de propriedade estritamente. É fácil ver como essas regras podem evitar conflitos sobre o uso de recursos alimentares.)

Uma vez que os anarquistas dão um grande valor à liberdade pessoal, eles provavelmente vão querer manter a moralidade a um mínimo, mesmo que isso custe-lhes algo em segurança pessoal ou outras vantagens práticas. Não é meu propósito aqui tentar determinar onde encontrar o equilíbrio entre a liberdade e as vantagens práticas da moralidade, mas quero chamar a atenção para um ponto que é muitas vezes esquecido: os benefícios práticos ou materialistas da moralidade são contrabalançados pelo psicológico custo de reprimir nossos impulsos "imorais". Comum entre os moralistas é um conceito de "progresso", segundo a qual a raça humana deve tornar-se cada vez mais moral. Mais e mais impulsos "imorais" estão a ser suprimidos e substituídos por um comportamento "civilizado". Para essas pessoas moralidade aparentemente é um fim em si mesmo. Eles parecem nunca perguntar por que os seres humanos devem se tornar mais morais. Qual fim é para ser servido pela moralidade? Se o final é qualquer coisa parecida com o bem estar humano, em seguida, uma moralidade cada vez mais abrangente e intensiva só pode ser contraproducente, uma vez que é certo que o custo psicológico de suprimir impulsos "imorais" acabará por compensar quaisquer vantagens conferidas pela moralidade (se já não o faz). Na verdade, é claro que, qualquer que seja as desculpas que eles possam inventar, o motivo real dos moralistas é satisfazer alguma necessidade psicológica própria impondo sua moralidade sobre outras pessoas. Seu impulso em direção a moralidade não é um resultado de qualquer programa racional para melhorar o destino da raça humana.

Esta moralidade agressiva não tem nada a ver com os Seis Princípios de justiça. Na verdade, é inconsistente com eles. Ao tentar impor a sua moralidade sobre as outras pessoas, seja pela força ou por meio de propaganda e formação, os moralistas estão a fazer-lhes mal não provocado em violação ao primeiro dos Seis Princípios. Pensa-se nos missionários do século XIX que fizeram os povos primitivos se sentirem culpados por suas práticas sexuais, ou esquerdistas modernos que tentam suprimir a linguagem politicamente incorreta.

A moralidade é muitas vezes antagônica aos Seis Princípios de outras maneiras também. Para dar apenas alguns exemplos:

Em nossa sociedade a propriedade privada não é o que está entre os bosquímanos - um dispositivo simples para evitar o conflito sobre o uso dos recursos. Em vez disso, é um sistema pelo qual certas pessoas ou organizações arrogam o controle sobre vastas quantidades de recursos que eles usam para exercer poder sobre outras pessoas. Nisto certamente viola o primeiro e o quarto princípios de justiça. Ao exigir que respeitemos a propriedade, a moralidade de nossa sociedade ajuda a perpetuar um sistema que está claramente em conflito com os Seis Princípios.

Entre muitos povos primitivos, bebês deformados são mortas à nascença (ver, por exemplo, Paul Schebesta, *Die Bambuti-Pygmäen vom Ituri*, I.Band, Institut Real Colonial Belge, de Bruxelas, 1938, página 138), e uma prática semelhante aparentemente foi muito difundida nos Estados Unidos até cerca de meados do século 20. "Os bebês que nasceram malformados ou muito pequenos ou apenas azuis [blues] e sem respirar bem foram listados [pelos médicos] como natimortos colocados fora da vista e deixados para morrer." Autl Gawande, "The Score", *The New Yorker*, 09 de outubro, 2006, página 64. Hoje em dia qualquer dessas práticas seria considerada como chocantemente imoral. Mas os profissionais de saúde mental que estudam os problemas psicológicos dos deficientes podem nos dizer quão graves esses problemas são muitas vezes. Na verdade, mesmo entre os severamente deformados - por exemplo, aqueles que nasceram sem braços ou pernas - podem existir indivíduos ocasionais que atingem uma vida satisfatória. Mas a maioria das pessoas com tal grau de deficiência está condenada a uma vida de inferioridade e impotência, e criar um filho com deformidades extremas até que seja velho o suficiente para ser consciente da sua própria impotência é geralmente um ato de crueldade. Em qualquer caso, é claro, pode ser difícil de equilibrar a probabilidade de que um bebê deformado vá levar uma existência infeliz, se criado, contra a possibilidade de que possa alcançar uma vida que valha a pena. O ponto é, no entanto, que o código moral da sociedade moderna não permite tal equilíbrio. Ela exige automaticamente a cada bebê ser criado, não importa quão extremas suas deficiências físicas ou mentais, e não importa quão remota as chances de que a sua vida pode ser tudo menos miserável. Este é um dos aspectos mais cruéis da moralidade moderna.

O exército está previsto para matar ou abster-se de matar em obediência cega às ordens do governo; policiais e juízes são esperados para prender ou libertar pessoas em obediência mecânica à lei. Seria considerado como "antiético" e "irresponsável" para os soldados, juízes ou policiais agir de acordo com seu próprio senso de justiça, e não em conformidade com as regras do sistema. A moral e o juízo "responsável" irão mandar um homem para a prisão se a lei diz-lhe para fazê-lo, mesmo se o homem não tem culpa de acordo com os Seis Princípios.

A reivindicação da moralidade muitas vezes serve como uma capa para o que de outra forma seria visto como a imposição nua da própria vontade de outras pessoas. Assim, se uma pessoa disse: "Eu vou impedi-la de fazer um aborto (ou de ter relações sexuais ou comer carne ou qualquer outra coisa) só porque eu pessoalmente acho ofensivo", sua tentativa de impor a sua vontade seria considerada arrogante e razoável. Mas se ele diz ter uma base moral para o que ele está fazendo, se ele diz: "Eu estou indo para impedi-la de fazer um aborto, porque isso é imoral", então sua tentativa de impor sua vontade adquire certa legitimidade, ou pelo menos tende a ser tratado com mais respeito do que seria se ele não fez nenhuma reivindicação moral.

As pessoas que estão fortemente ligadas à moralidade de sua própria sociedade, muitas vezes são indiferentes aos princípios de justiça. O empresário altamente moral e cristão John D. Rockefeller usou métodos desleais para alcançar o sucesso, como é admitido por Allan Nevins em sua biografia admiradora do Rockefeller. Hoje enroscando as pessoas de uma forma ou de outra é quase uma parte inevitável de qualquer empreendimento comercial de grande escala. Distorção deliberada da verdade, grave o suficiente para que isso equivalha a mentir, é na prática tratado como um comportamento aceitável entre os políticos e jornalistas, embora a maioria deles, sem dúvida, se considerem pessoas morais.

Tenho diante de mim um panfleto enviado por uma revista chamada The National Interest. Nela encontramos o seguinte:

"Sua tarefa é defender os interesses do nosso país no exterior, e manifestar apoio em casa por seus esforços."

"Você não é, evidentemente, ingênua. Você acredita que, para melhor ou pior, a política internacional continua a ser essencialmente a política do poder - que, como Thomas Hobbes observou, quando não houver acordo entre os Estados, clubes são sempre jogos."

Esta é uma defesa quase nua do maquiavelismo nos assuntos internacionais, embora seja seguro afirmar que as pessoas responsáveis pelo folheto que eu acabei de mencionar são firmes partidários da moralidade convencional dentro dos Estados Unidos. Para essas pessoas, eu sugiro, a moralidade convencional serve como um substituto para os Seis Princípios. Contanto que essas pessoas cumpram com a moralidade convencional, que tem um senso de justiça que lhes permite ignorar os princípios de justiça sem desconforto.

Outra forma em que a moralidade é antagônica aos Seis Princípios é que muitas vezes esta serve como uma desculpa para maus tratos ou exploração de pessoas que violaram o código moral ou as leis de uma determinada sociedade. Nos Estados Unidos, os políticos fomentam a sua carreira por "ficarem duros contra o crime" e defendendo penas severas para as pessoas que violarem a lei. Os promotores muitas vezes procuram promoção pessoal por ser tão duros com os réus, como a lei permite que eles sejam. Isso satisfaz certos impulsos sádicos e autoritários do público e alivia o medo da desordem social das classes privilegiadas. Tudo isso tem pouco a ver com os Seis Princípios de justiça. Muitos dos "criminosos" que estão sujeitos a duras penas - por exemplo, as pessoas condenadas por posse de maconha - em nenhum sentido violaram os Seis Princípios. Mas mesmo onde os culpados violaram os Seis Princípios seu tratamento dura não é motivado por uma preocupação com a justiça, ou mesmo com a moralidade, mas pelas ambições pessoais dos políticos e dos procuradores ou apetites sádicos e punitivos do público. Moralidade apenas fornece a desculpa.

Em suma, quem tem um olhar independente na sociedade moderna vai ver que, apesar de toda a sua ênfase na moralidade, observa os princípios de justiça muito pouco mesmo. Certamente pior do que muitas sociedades primitivas faziam.

Levando em conta várias exceções, o principal objetivo a que a moralidade serve na sociedade moderna é o de facilitar o funcionamento do sistema tecnoindustrial. Veja como funciona:

Nossa concepção tanto de justiça quanto da moralidade é fortemente influenciada pelo auto-interesse. Por exemplo, eu me sinto forte e sinceramente que é perfeitamente justo para mim esmagar o equipamento de alguém que está derrubando a floresta. No entanto, parte da razão pela qual eu me sinto dessa forma é que a existência da floresta serve as minhas necessidades pessoais. Se eu não tivesse apego pessoal à floresta eu poderia sentir de forma diferente. Da mesma forma, as pessoas mais ricas provavelmente sentem sinceramente que as leis que restringem as formas que elas usam os seus bens são injustas. Não pode haver dúvida de que, no entanto sincero esses sentimentos podem ser, eles são motivados em grande parte pelo auto-interesse.

As pessoas que ocupam posições de poder dentro do sistema têm interesse em promover a segurança e a expansão do sistema. Quando essas pessoas percebem que certas ideias morais fortalecem o sistema ou o tornam mais seguro, então, a partir de consciente auto-interesse, ou porque os seus sentimentos morais são influenciadas pelo auto-interesse, aplicam pressão para a mídia e para os educadores para promover estas ideias morais. Assim, as exigências de respeito à propriedade, e de seguir regras de comportamento ordenado, dócil, cooperativo, tornaram-se os valores morais da nossa sociedade (mesmo que esses requisitos possam entrar em conflito com os princípios de justiça), porque eles são necessários para o funcionamento do sistema. Da mesma forma, a harmonia e igualdade entre as diferentes raças e grupos étnicos são valores morais da nossa sociedade porque os conflitos interétnico e inter-racial impedem o funcionamento do sistema. A igualdade de tratamento de todas as raças e grupos étnicos pode ser exigida pelos princípios da equidade, mas isso não é por isso que é são valores morais da nossa sociedade. São valores morais da nossa sociedade, porque é bom para o sistema tecnoindustrial. Restrições morais tradicionais sobre o comportamento sexual foram relaxadas porque as pessoas que têm poder viram que essas restrições não são necessárias para o funcionamento do sistema e que a manutenção deles produz

tensões e conflitos que são prejudiciais ao sistema.

Particularmente instrutiva é a proibição moral da violência em nossa sociedade. (Por “violência” quero dizer ataques físicos a seres humanos ou a aplicação de força física para os seres humanos.) Várias centenas de anos atrás, a violência por si só não era considerada imoral na sociedade europeia. Na verdade, em condições adequadas, ela era admirada. A mais prestigiada classe social era a nobreza, que era então uma casta guerreira. Mesmo na véspera da era industrial a violência não foi considerada como o maior de todos os males, e alguns outros valores - liberdade pessoal, por exemplo - foram consideradas mais importantes do que a prevenção da violência. Nos Estados Unidos, no século XIX, as atitudes do público em relação à polícia foram negativas, e as forças policiais foram mantidas fracas e ineficientes porque se considerou que eram uma ameaça à liberdade. As pessoas preferiam ver a sua própria defesa e aceitar um nível bastante elevado de violência na sociedade, em vez de qualquer risco de sua liberdade pessoal. [2]

Desde então, atitudes em relação à violência mudaram drasticamente. Hoje os meios de comunicação, as escolas e todos os que estão comprometidos com o sistema de lavagem cerebral nos fazem crer que a violência é uma coisa acima de todas as outras que nunca devemos cometer. (É claro que, quando o sistema encontra-se conveniente para usar a violência - através da polícia ou os militares - para seus próprios fins, pode sempre encontrar uma desculpa para fazê-lo.)

Às vezes é alegado que a atitude moderna para a violência é o resultado da influência suave do cristianismo, mas isso não faz sentido. O período em que o cristianismo era mais poderoso da Europa, na Idade Média, era uma época particularmente violenta. Foi durante o curso da Revolução Industrial e as conseqüentes mudanças tecnológicas que as atitudes em relação à violência foram alteradas, e no mesmo espaço de tempo, a influência do cristianismo tem sido marcadamente enfraquecida. Claramente não foi o cristianismo que tem mudado atitudes em relação à violência.

É necessário para o funcionamento da sociedade industrial moderna, que as pessoas devem cooperar de uma forma rígida, semelhante a uma máquina, obedecendo a regras, seguindo ordens e horários, realizando procedimentos prescritos. Conseqüentemente, o sistema requer, antes de tudo, a docilidade humana e da ordem social. De todos os comportamentos humanos, violência é o mais perturbador a ordem social, portanto, uma das mais perigosas para o sistema. À medida que a Revolução Industrial avançava, as classes poderosas, percebendo que a violência era cada vez mais contrária ao seu interesse, mudou sua atitude em relação a isso. Devido a sua influência ter sido predominante na determinação do que foi impresso pela imprensa e ensinado nas escolas, eles gradualmente transformaram a atitude de toda a sociedade, de modo que hoje as pessoas de classe média, a maioria, e até mesmo a maioria dos que pensam se rebelar contra o sistema, acreditam que a violência é o pecado supremo. Eles imaginam que a sua oposição à violência é a expressão de uma decisão moral da sua parte, e, em certo sentido, é, mas é baseada em uma moralidade que é projetada para servir o interesse do sistema e é instilada através da propaganda. Na verdade, essas pessoas têm simplesmente sofrido lavagem cerebral.

Não é preciso dizer que, a fim de provocar uma revolução contra o sistema tecnointustrial será necessário descartar moralidade convencional. Um dos dois principais pontos que eu tentei fazer neste artigo é que, mesmo a rejeição mais radical da moralidade convencional não implica necessariamente o abandono da decência humana: há uma “natural” (e, em certo sentido, talvez universal) moralidade - ou, como preferi chamá-lo, um conceito de justiça - que tende a manter a nossa conduta para com as outras pessoas “decentes”, mesmo quando nós descartamos toda a moralidade formal.

O outro ponto principal que eu tentei fazer é que o conceito de moralidade é utilizado para muitas finalidades que nada têm a ver com decência humana ou com o que eu tenho chamado de “justiça”. A sociedade moderna, em especial usa a moralidade como uma ferramenta para manipular o comportamento humano para fins que muitas vezes são completamente incompatíveis com decência humana.

Assim, uma vez que os revolucionários decidiram que a atual forma de sociedade devem ser eliminadas, não há nenhuma razão pela qual eles devem hesitar em rejeitar a moralidade existente, e sua rejeição da moralidade vai de maneira nenhuma ser equivalente a uma rejeição da decência humana.

Não há como negar, no entanto, que a revolução contra o sistema tecnointustrial violará a decência humana e os princípios de

justiça. Com o colapso do sistema, seja ele espontâneo ou um resultado da revolução, inúmeras pessoas inocentes vão sofrer e morrer. Nossa situação atual é uma daquelas em que temos de decidir cometer injustiça e crueldade, a fim de evitar um mal maior.

Para efeito de comparação, considere a Segunda Guerra Mundial. Naquela época, as ambições de ditadores cruéis poderiam ser frustradas apenas por fazer a guerra em grande escala, e, dadas as condições da guerra moderna, milhões de civis inocentes, inevitavelmente, foram mortos ou mutilados. Poucas pessoas vão negar que se tratava de uma injustiça extrema e indesculpável às vítimas, no entanto, menos ainda argumentam que Hitler, Mussolini, e os militaristas japoneses deveriam ter sido autorizados a dominar o mundo.

Se fosse aceitável para combater a II Guerra Mundial, apesar da crueldade grave para milhões de pessoas inocentes que implicou que, em seguida, uma revolução contra o sistema tecnoindustrial deve ser aceitável também. Se os fascistas passassem a dominar o mundo, eles, sem dúvida, teriam tratado as populações sujeitas com brutalidade, teriam reduzido milhões à escravidão em condições adversas, e teriam exterminado muitas pessoas sem rodeios. Mas, no entanto horrível que poderia ter sido, parece quase trivial em comparação com os desastres com que o sistema tecnoindustrial nos ameaça. Hitler e seus aliados simplesmente tentou repetir em maior escala os tipos de atrocidades que ocorreram repetidas vezes ao longo da história da civilização. O que a tecnologia moderna ameaça é absolutamente sem precedentes. Hoje nós temos que nos perguntar se a guerra nuclear, desastres biológicos, ou colapso ecológico produzirá vítimas muitas vezes maiores do que os da Segunda Guerra Mundial, se a raça humana vai continuar a existir ou se ela será substituída por máquinas inteligentes ou geneticamente anormais, se os últimos vestígios da dignidade humana desaparecerão, e não apenas para a duração de um regime totalitário particular, mas para todo o sempre, se o nosso mundo vai mesmo ser habitável um par de cem anos a partir de agora. Sob estas circunstâncias, quem afirmam que a Segunda Guerra Mundial era aceitável, mas que uma revolução contra o sistema tecnoindustrial não é?

Embora a revolução envolverá necessariamente a violação dos princípios de justiça, os revolucionários devem fazer todos os esforços para evitar a violação desses princípios mais do que é realmente necessário - não só de respeito pela decência humana, mas também por razões práticas. Ao cumprir com os princípios de justiça, na medida em que isso não é incompatível com a ação revolucionária, os revolucionários vão ganhar o respeito de não-revolucionários, serão capazes de recrutar pessoas melhores para ser revolucionários, e vai aumentar a auto-estima do movimento revolucionário, reforçando assim a sua esprit de corps. [N.T.: expressão francesa que significa aqui somos todos iguais, já sofremos as mesmas coisas para chegar aqui, somos todos irmãos de armas.]

